

A caracterização do discurso oral por meio de Marcadores Conuersacionais

Marília de Toledo Kodic<sup>1</sup>

Resumo

Partindo da análise de áudio e transcrição do discurso proferido por um falante culto da cidade de São Paulo, o presente artigo tem como objetivo verificar elementos conhecidos na Análise Conversacional como Marcadores Conversacionais. O estudo procura identificar e definir as unidades de conversação encontradas no *corpus* e demonstrar que, para uma interação oral, são necessários princípios comunicativos em detrimento de princípios meramente sintáticos. É discutido também o papel dos marcadores segundo diversos autores, focalizando nas funções interacional e textual.

Palauras-chaue: análise do discurso oral, função interacional, função textual, marcador conversacional

Tanto na produção oral como na escrita o sistema lingüístico é o mesmo para a construção das frases, mas as regras de sua efetivação, bem como os meios empregados são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos lingüísticos diferenciados. (RATH, 1979: 20)

1. Considerações Iniciais e Conceituação

Como base para as considerações do artigo foi utilizada a alocução de uma mulher de aproximadamente trinta anos, paulistana, professora de História do Ensino Fundamental. A gravação de aproximadamente trinta minutos tem como objeto uma aula datada de nove de dezembro de 1976, cujo tema é a periodização da História, e foi transcrita para fins observacionais. O texto evidencia que os elementos de caráter cognitivo-informativo são permeados por outros que ficam à margem do assunto, desnecessários para o entendimento do contexto: os denominados Marcadores Conversacionais (MC).

Graduanda em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero.

Segundo Émile Benveniste (1976), a enunciação é a atividade lingüística daquele que fala no momento que fala, de tal modo que é possível identificar em cada enunciado pistas ou marcas lingüísticas que evidenciem o sujeito. Por marcador conversacional entende-se uma expressão que serve de elo de ligação entre unidades comunicativas e que torna a linguagem falada dinâmica e expressiva.

Constituem sinais que amarram o texto enquanto estrutura de interação interpessoal e asseguram o desenvolvimento continuado do diálogo, freqüentemente operando como dêiticos discursivos que pontuam o texto conversacional. São em sua maioria desprovidos de conteúdo semântico e papel sintático, e irrelevantes na interpretação do tópico; contudo, não deixam de ser imprescindíveis e recorrentes na construção do discurso.

Além dos verbais, há também os componentes supra-segmentais ou prosódicos (pausa, entonação, etc), que são de natureza lingüística mas não de caráter verbal; e os não-verbais ou paralingüísticos (olhar, riso, gesticulação, etc), que não podem ser verificados no *corpus*.

Pelo fato de não se enquadrarem nos critérios de classificação das dez classes de palavras propostas pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), ocorre uma ausência de consenso terminológico a respeito dos marcadores em questão. Acerca desse mesmo mecanismo é possível encontrar diversas denominações, como: apoios do discurso, expressões de situação, marcadores de estruturação da conversa, operadores discursivos, palavras denotativas, entre outros.

## 2. Identificação e classificação dos MCs no *corpus*

Quanto à forma, os MCs se apresentam como elementos simples, compostos ou oracionais, podendo aparecer combinados. Os simples contêm um só item lexical, como: bem... (linha 9), exatamente... (linha 44) e hein... (linha 134). Os compostos, ou complexos, apresentam um caráter sintagmático e aparecem em: bem então (linha 6), quer dizer (linha 39) e veja bem (linha 134). Os oracionais correspondem a pequenas orações que se apresentam nos diversos tempos e formas verbais: eu digo assim (linha 7) e se a gente for pensar... (linha 108). Como exemplo de combinação, temos: então veja bem (linha 30), que é ao mesmo tempo composto e oracional; e então vamos dizer o seguinte... (linha 148), idem.

Quanto à posição, os marcadores podem ser iniciais, mediais ou finais. Os iniciais, ou pré-posicionados, são os que caracterizam o início ou a tomada do discurso: **então** (linha 1) e **é::** (linha 153). Os mediais podem ser de sustentação, e servem para manter o turno ou assegurar a atenção do ouvinte, o que ocorre repetidas vezes no texto em questão: **okay?** (linha 129), **tá?** (linha 180) e **né?** (linha 185). Há também os mediais de não sustentação, que não têm a preocupação de manter o turno: **assim...** (linha 45), **agora...** (linha 92) e **quer dizer...** (linha 56). Os marcadores finais indicam o término de um turno, constituindo, portanto, um lugar relevante para a transição – o chamado LRT -, que nada mais é do que um determinado ponto no qual a fala é considerada possivelmente completa: **certo?** (linha 4), **entendeu?** (linha 69), e **compreende?** (linha 111).

Os marcadores mais recorrentes no texto, em relação à posição, são mediais de sustentação: **certo?** (46 repetições) e **entende?** (30 repetições). Estes poderiam ser classificados como finais; porém, como não há uma troca constante de turnos, sua função principal consiste em certificar a atenção dos ouvintes.

Quanto ao aspecto semântico, há os elementos prosódicos, como os de pausa éh:: ah:: (linha 66) e os de entonação **DEPOIS...** (linha 78). Há expressões que continuam semanticamente válidas, mas a informação que passam não colabora para o conteúdo referencial do texto como estrutura tópica: você vai ver que... (linha 16), então a gente vai observar... (linha 81) e então agora nós vamos fazer o seguinte... (linhas 137-138).

Há marcadores que funcionam como sinais de armação do quadro tópico, ou framing (KELLER, 1979: 158). Indicam o panorama em que se encontra a conversação: agora a gente... tem aqui... (linhas 102-103), a primeira coisa que a gente vai... observar... (linhas 136-137) e então vamos ver agora... (linha 205). São encontrados também os sinais de assentimento: hum hum (linha 159) e de discordância: não... (linha 150); que não tem apenas função fática.

Marcadores de caráter parentético configuram um breve desvio, digressão, aparte ou parêntese, relativamente ao tópico em desenvolvimento. Um exemplo é o advérbio **exatamente** (linha 44). Indagações propostas são marcadores que constituem uma espécie de pergunta retórica, para a qual não se espera resposta: **vai predominar o quê?** (linha 33), **só um minuto sim?** (linha 66) e **lembra disso?** (linha 173); em que o locutor mal faz a pergunta e já a responde, sem que os ouvintes tenham tempo de responder.

No aspecto sintático, devemos levar em conta os marcadores verbais lexicalizados ou não, cujas emissões são completas por si e autônomas entonacionalmente,

caracterizando total independência sintática. É o caso dos marcadores do tipo certo? (linha

4), éh (linha 28) ah:: (linha 99) e né? (linha 132). Os não lexicalizados, como ahn:: (linha

49), hein... (linha 134) e hum hum (linha 159), entremeiam a estrutura oracional sem

integrá-la sintaticamente.

Existe, ainda, um grupo de elementos que:

mantém, em menor ou maior grau, parcela do seu sentido. Com efeito, eles mantêm parcialmente o sentido e a função sintática originais, assumindo, por acréscimo, uma

função pragmática<sup>2</sup> (URBANO, 2003: 101).

Tomemos como exemplo a palavra assim (linha 77). Ela liga-se sintaticamente a

"bem rudimentar" e sinaliza, ao mesmo tempo, a hesitação do falante, apontada também

pelo alongamento e repetição da palavra "bem": "um modo assim bem:::: bem

rudimentar... **bem:::... bem** tosco mesmo...".

Visto unicamente sob o aspecto pragmático, assim preenche uma pausa referente a

incerteza, e caso o vocábulo não tivesse sido empregado, a pausa se converteria em um

silêncio. Como preenchimento de pausa, assim pode ser considerado como uma ruptura de

informação, proporcionando momentos facilitadores para a premeditação e o preparo do

texto e oferecendo tempo para o falante se situar. A palavra **assim** assume então, além de

classe de "advérbio de frase", a de "advérbio de enunciação": "não servem para tornar

mais explícitas as 'pequenas cenas' mas veiculam opiniões, atitudes que o locutor assume a

respeito do fato de falas delas" (ILARI & GERALDI, 1985: 39).

A maior parte dos Marcadores Conversacionais encontrados no texto expõe a

necessidade de apoio para a progressão conversacional, ou a busca de aprovação

discursiva. É o caso dos marcadores mencionados acima como mediais de sustentação,

notadamente o certo? e o entende?, que juntos aparecem 76 vezes em um discurso de

aproximadamente meia hora.

Tal recorrência justifica-se no fato de que o interlocutor está dando uma aula a

alunos do Ensino Médio; logo, a atenção dos mesmos está sujeita a ser facilmente perdida

pela distração característica da faixa etária e da própria situação de sala de aula. Assim, a

professora de História estará sempre buscando alertar e exigir a atenção e compreensão de

seus alunos.

\_

<sup>2</sup> Por "pragmático", entende-se "a relação entre a linguagem e seus usuários".

Reuista Anagrama Reuista Interdisciplinar da Graduação Ano 1 - Edição 3 Março/Maio de 2008

Outro tipo de marcador bastante frequente no texto refere-se a momentos de

hesitação. Sozinhos ou em coocorrência, os marcadores de pausa sinalizam a intenção do

falante em manter o turno e a atenção dos ouvintes enquanto planeja a seqüência. As

paradas são encontradas sob forma de alongamentos: ah:::: (linha32), que:::: (linha 148) e

éh:::: (linha 175); pausas longas: aqui..... (linha 107) e bem..... (linha 195); repetições:

Onde... ONde foi (linha 47) e ::... um SIMples... um SIMples pedaço (linha 50) e cortes

de palavras ou de entonação, interrupções sintáticos ou semântico-sintáticas: exist/ em/

entende?... es/ ... (linha 40), a gen/... o cérebro... (linha 58), eles cort/ éh lascavam...

(linha 89) e então ES/ éh:: (linha 177).

As constantes hesitações dão-se pelo fato de que ao dar a aula, a professora de

História, provavelmente, recorre apenas à sua memória para citar e explicar os fatos aos

seus alunos. Logicamente, ao contrario do que aconteceria se a professora estivesse

simplesmente lendo um livro didático aos seus alunos, a memória apresenta falhas e a fala

é naturalmente mais confusa do que a escrita.

3. Funções Textuais e Interpessoais

Podemos observar diferentes categorizações para diferentes autores em relação aos

MCs. Fraser (1999: 931-952) nota duas classes principais de MCs: os que relacionam

mensagens – ou seja, aqueles que relacionam algum aspecto das mensagens veiculadas

pelos segmentos que seguem e precedem o marcador – e os que relacionam tópicos – ou

seja, aqueles que envolvem algum aspecto da condução discursiva.

Para Castilho, (1989: 273-4) eles comportam dois cargos específicos: o interpessoal

(ou pragmático, segundo Marchuschi), em que o marcador serve para administrar os turnos

conversacionais; e o textual, em que os falantes acionam os marcadores para negociação e

desenvolvimento do tema.

Essa classificação funde-se com a de Risso (1996: 423), que atesta que a natureza

da ação discursiva dos MCs permite que estes se distribuam entre dois planos: na estrutura

textual, com a organização da informação, ou na estrutura interpessoal, com a organização

das relações entre os interlocutores. Os MCs atuam no plano da enunciação textual-

interativa com funções tanto de projetar relações interpessoais (quando o foco funcional

Reuista Anagrama Reuista Interdisciplinar da Graduação Ano 1 - Edição 3 Março/Maio de 2008 Sor Lúcio Martios Rodrigues 443 Cidade Universitária São Paul

não está no sequenciamento de partes do texto) quanto destacar a articulação textual

(quando a prevalecente não se encontra mais no eixo da interação).

Os conceitos de Dik (1997: 384) de Constituintes Extra-Oracionais (CEOs)

constituem, assim como os MCs, expressões que não podem ser facilmente descritas em

termos de regras e normas intra-oracionais e que podem tanto estar sozinhas como

preceder, seguir ou interromper uma oração. São eles:

a. controle ou monitoramento da interação: pertencem à criação e manutenção das

condições interacionais que devem ser preenchidas para que um evento discursivo seja

implementado.

b. especificação de atitude: pertencentes ao tom emocional e de atitude dos

interlocutores em relação ao discurso

c. organização do discurso: pertencem à organização, estruturação e apresentação

do conteúdo oracional.

d. execução do discurso: desempenham uma função na expressão do conteúdo real

do discurso.

Assim, pode-se fazer uma analogia entre os CEOs e as classificações de Castilho,

Risso e Marchuschi para os MCs, dado que é possível apontar uma similaridade entre a. e

b. e a função interpessoal ou pragmática; e entre c. e d. e a função textual.

Os MCs que desempenham funções interpessoais cumprem alguma função advinda

diretamente da relação tête-à-tête entre os interlocutores, integrando o componente

interacional da linguagem.

Os MCs que desempenham funções textuais operam num nível hierarquicamente

superior ao da sentença e funcionam como mecanismos de coesão textual, estabelecendo

um tipo de relação semântica e estrutural entre diferentes unidades discursivas. Assim,

podem propiciar abertura, expansão, retomada e fechamento de tópicos e distinção de

estruturas de figura e fundo.

Os MCs apresentam fortes tendências para cumprir concomitantemente as duas

funções. Essa simultaneidade pode se dar: com predominância de uma das funções, que é a

situação mais frequente; com expressão forte das duas funções; ou com uso fracamente

expressivo de ambas as funções. Estamos tratando, no entanto, de funções gerais, em cujos

domínios uma ampla variedade de subgrupos pode ser apontada.

Reuista Anagrama - Reuista Interdisciplinar da Graduação Ano 1 - Edição 3 - Março/Maio de 2008 Sort Lúcio Martins Rodrigues 443 Cidade Universitária, São Paul 4. Considerações finais

A abordagem aqui apresentada não pretende ser completa, mas procura elaborar e

entender elementos cruciais para uma visão detalhada acerca das especificidades da fala e

para a medida de sua naturalidade. É preciso que a linguagem seja vista como artifício de

interação, de correlação e de construção de identidades.

A fim de suscitar e manter uma conversação, temos como preceito que os

interlocutores devem partilhar de noções comuns. São estas a competência lingüística, a

envoltura cultural e o domínio das situações sociais de informação; relacionados à

progressão do texto oral, através do uso de marcadores que contribuem para tal,

observando a conversação como um meio de aquisição de uma finalidade interacional a ser

atingida pelos interlocutores.

A partir da análise feita, é possível perceber a importância dos marcadores para a

espontaneidade e continuidade de uma conversação, tornando-a dinâmica e eficaz. Os MCs

ainda proporcionam um campo de pesquisa vasto e promissor, sobretudo se atentarmos

para a necessidade de um enquadramento mais preciso no contexto da Gramática

Funcional.

Referências Bibliográficas

**BENVENISTE, Émile.** Problemas de lingüística geral. Vol. I, São Paulo: Cultrix, 1976.

**CASTILHO**, Ataliba Teixeira. "Para o estudo das unidades discursivas". In. *Português* 

*culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

**CHAGAS, Carmem Helena das.** "O texto oral dialogado: a importância dos marcadores

conversacionais". Revista Philologus, Rio de Janeiro, ano 13 no. 37, 2007.

**DIK, Simon.** The theory of functional grammar. Part 2: Complex and derived

constructions. New York: Mouton de Gruyter, 1997.

Reuista Anagrama Reuista Interdisciplinar da Graduação Ano 1 - Edição 3 Março/Maio de 2008 **FRASER, Bruce.** "What are discourse markers?" In. *Journal of Pragmmatics*. v.31, 1999, p.931-952.

ILARI, Rodolfo e GERALDI, João Wanderley. Semântica. São Paulo: Ática, 1985.

**LE PAGE, Robert. & TABOURET-KELLER, Andre**. Acts of identity: creole-based approaches to languages and ethnicity. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

**MARCUSCHI, Luiz Antônio.** "Marcadores Conversacionais". In *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1997.

**PENHAVEL, Eduardo.** "Sobre as funções dos Marcadores Discursivos". Revista Estudos Lingüísticos, São Paulo, no. XXXIV/ 2005, pp. 1296-1301.

PRETI, Dino e URBANO, Hudinilson (org.). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. São Paulo: T.A.Queiroz/FAPESP, 1990.

RATH, Rainer. Kommunikationspraxis: Analysen zur Textbildung u. Textgliederung im gesprochenen Deutsch. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1979

URBANO, Hudinilson. "Marcadores Conversacionais". In PRETI, Dino (org). Análise de Textos Orais. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/ USP, 2003.